

COMO EU ENTENDO

O CAMINHAR DO APRENDIZ ESPÍRITA

Valentim Neto - 2014
vale.aga@hotmail.com
Itanhaém – São Paulo – Brasil

INDÍCULO

- INICIAL 3**
- SUBSEQUENTE 4**
- PASSO INICIAL 5**
- DEGRAU I 6**
- ESPELHO I 8**
- MEXIDA I 9**
- MEXENDO I 10**
- CAMINHANDO I 11**
- VIRTUDE I 12**
- VÁ MEXENDO E CAMINHANDO ESPIRITUALMENTE I 13**
- ALGUMAS REFERÊNCIAS PARA MEDITAR 14**

INICIAL

(É interessante como coisas aparentemente fáceis, facilmente se tornam extremamente difíceis!)

Esquecendo o tempo em que já encarnamos no orbe terreno que, por melhor saibamos, só nos humilharia, e considerando o 'lúcido' tempo avaliado para o 'antigo' e o 'novo' testamento, perguntamos: Por que desaguamos neste mar de 'angústias' e ficamos encaçados neste lamaçal humano? Quais seriam as razões para a nossa lentidão ou estagnação no processo evolutivo espiritual?

O Mestre veio, missionários vieram, e continuam vindo! Porém não conseguimos ter 'plena certeza' de estarmos fazendo algo de 'real' validade espiritual. Qual a razão de, sempre, prevalecerem os 'caminhos' tipicamente materiais?

Poderiam ser colocadas múltiplas razões, dos mais simples aos mais complicados argumentos, desde colocações razoáveis a puramente fantasiosas, mas só há uma resposta 'real': ESTÁGIO ESPIRITUAL!

Entender esse 'ESTÁGIO ESPIRITUAL' é a chave fundamental para a retomada 'tranquila' em nosso processo evolutivo espiritual!

Este trabalho pretende apresentar, do modo mais simples possível, algumas 'atitudes' a serem seguidas para a decisão, pelo livre-arbítrio total, do caminhar mais objetivo, viável e tranquilo possível no evolutivo espiritual.

Um lembrete se faz necessário: Sem conhecimento, isto é, sem estudos, não é possível termos certeza de estarmos adotando uma 'atitude' evolutiva espiritual correta! Portanto - Estudemos! -.

Auguro pleno sucesso aos leitores deste trabalho!

SUBSEQUENTE

O que é mais errado: Cuspir ou matar? Comer três feijoadas ou dar um tiro? Cavar uma cova ou aterrará-la? Qualquer erro será sempre... Um erro! O que varia é a ‘amplitude’ e a ‘razão’ do erro.

Aquele que cospe no vaso sanitário ou que mata uma pulga a incomodá-lo estaria cometendo um erro?

Aquele que cospe num ser animalizado ou num ser humano, qual é o erro maior?

Dar um tiro na própria cabeça ou de outra pessoa, qual é o mais errado?

Qual a diferença entre ERRO e PECADO? Esta dúvida será resolvida, pois a mesma irá ajudar na decisão a ser tomada mais adiante.

- PECADO é: Não fazer de acordo com as leis de igrejas.
- ERRO é: Não fazer de acordo com a lei Divina.

Ao criar os Espíritos, Deus os destinou à pureza (moral) e perfeição (conhecimentos). Ao final da jornada estarão prontos para trabalhar com o fluido cósmico universal, mas nunca terão o poder criador, pois este é inerente ao Pai.

Podemos classificar, sem qualquer rigor, a ‘amplitude’ e a ‘razão’ dos erros em: simples, complicados, inconsequentes, consequentes, individuais, duplos, coletivos etc. Os estudos irão permitir identificar com mais precisão essa classificação simplória, e ampliá-la ou resumi-la. Para uma pré-visualização vamos alongar:

- simples: não manter a higiene própria;
- complicados: não manter a higiene em locais coletivos;
- inconsequentes: não cortar as unhas;
- consequentes: unhar aos outros;
- individuais: se alimentar mal;
- duplos: atormentar outra pessoa;
- coletivos: atormentar outras pessoas.

Pense em ‘razões’, daquele, ou daqueles, que faz, ou fazem, e nas ‘amplitudes’ e será descoberto um universo de ERROS a serem evitados ou corrigidos.

PASSO INICIAL

Nunca, nem tente, ver, olhar, sentir, analisar ou descobrir qualquer virtude em você mesmo. Quando já incorporamos uma virtude, ela se torna tão natural em nós que não é possível separá-la. Portanto, se você perceber em si uma qualidade, é porque esta ainda não está completamente incorporada!

O primeiro passo consiste em ‘se descobrir’ nos próprios ERROS. Portanto terá que ter ‘algum’ conhecimento e ser o mais honesto que puder - consigo mesmo! -.

Fazer uma relação desses ERROS, e procurar indicar as ‘razões’ e ‘amplitudes’, tentando usar a classificação simplória indicada, ou outra de sua preferência.

A partir dessa relação é que será feita a escolha do ERRO pelo qual se começará a ‘tranquila’ jornada evolutiva espiritual.

Ao pensar na escolha do ERRO a ser focado, tenha em mente que somos Espíritos imortais, com muitas encarnações pela frente e, portanto, temos todo o tempo que quisermos para caminhar degrau a degrau.

Não escolher dois ERROS, é um só! E o menor (simples) possível, pois não temos ‘treino’ para tentar corrigir ERROS grandes (complicados).

Vamos primeiro ‘treinar’ e domar o ERRO pequeno e, depois sim, gradativamente partir para enfrentar maiores ERROS, o que poderá até ser na próxima encarnação.

Procuremos ter muita confiança naquilo que a Doutrina Espírita nos traz de ‘verdade’, pois é fundamental essa confiança, ela é que nos dará a tranquilidade necessária ao caminhar. Portanto... Vamos estudando, para termos a maior e melhor visualização dos objetivos que pretendemos atingir, com conhecimento, sem pressa, tranquilamente...

DEGRAU I

Cada um possui uma gradação diferente em seu 'momento' evolutivo espiritual. Podemos 'sentir' essa gradação pela atual encarnação que, normalmente, está ligada ao lado MORAL.

De acordo com o Espírito de Verdade, no Livro dos Espíritos, os nossos maiores problemas estão ligados ao ORGULHO e ao EGOÍSMO. Os derivados deles, entre outros, são:

- ódio;
- inveja;
- maledicência;
- ambição;
- prepotência;
- vaidade;
- preguiça;
- ciúme;
- malquerença;
- impaciência;
- indisciplina etc.

Isto nos faz lembrar o Sermão do Monte...

O SERMÃO DO MONTE

AS BEM-AVENTURANÇAS

Mateus 5:1-12

31. Vendo Jesus a multidão, subiu ao monte; e depois de sentar-se, aproximaram-se dele seus discípulos,
32. e, abrindo a boca, ele lhes ensinava, dizendo:
33. felizes os mendigos do Espírito, porque deles é o reino dos céus;
34. felizes os que choram, porque serão consolados;
35. felizes os mansos, porque eles herdarão a Terra;
36. felizes os famintos e sequiosos de perfeição, porque eles serão satisfeitos;
37. felizes os misericordiosos, porque eles obterão misericórdia;
38. felizes os limpos de coração, porque eles verão Deus;
39. felizes os pacificadores, porque eles serão chamados Filhos de Deus.
40. Felizes os que forem perseguidos por causa da perfeição, porque deles é o reino dos céus.
41. Felizes sois, quando vos injuriarem, vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa;
42. alegrai-vos e exultai, porque é grande vosso prêmio nos céus, pois assim perseguiram aos profetas que existiram antes de vós.

Lucas 6:20-26

20. E tendo erguido os olhos para seus discípulos, disse: felizes os pobres, porque vosso é o reino de Deus.
21. Felizes os que agora tendes fome, porque sereis fartos. Felizes os que agora chorais, porque rireis.
22. Felizes sois, quando os humanos vos odiarem e quando vos excomungarem, vos ultrajarem e rejeitarem vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem.

23. Alegrai-vos e exultai nesse dia, pois grande é vosso prêmio no céu, porque assim seus pais fizeram aos profetas.
24. Mas ai de vós que sois ricos, porque já recebestes vossa consolação.
25. Ai de vós os que agora estais fartos, porque tereis fome. Ai de vós, os que agora rides, porque haveis de lamentar-vos e chorar,
26. ai de vós quando vos louvarem os humanos, porque assim seus pais fizeram aos falsos profetas.

CARIDADE É O AMOR EM AÇÃO...

A PACIÊNCIA (E. S. E. Capítulo IX)

7. A aflição é uma bênção que a Lei de Deus envia aos seus eleitos. Não vos aflijais, pois, quando a tiverdes, mas bendizeis, ao contrário, a Lei de Deus que vos marcou pela aflição neste mundo para a glória no Mundo espiritual.

Sede pacientes. A paciência é também uma caridade e deveis praticar a lei da caridade ensinada por Jesus, o Cristo, enviado pela Lei de Deus. A caridade que consiste na esmola dada aos pobres, é a mais fácil das caridades. Mas há uma bem mais penosa e, conseqüentemente, mais meritória: perdoar àqueles que a Lei de Deus colocou sobre nosso caminho para serem os instrumentos dos nossos tormentos e colocar a nossa paciência à prova.

A vida é difícil, eu o sei. Ela se compõe de mil nadadas que são picadas de alfinetes que acabam por ferir. Mas é preciso considerar os deveres que nos são impostos, as consolações e as compensações que temos por outro lado, e, então, veremos que as bênçãos são mais numerosas do que as aflições. O fardo parece menos pesado quando se olha do alto, do que quando se curva a frente para o chão.

Coragem, amigos, Jesus, o Cristo, é o vosso modelo. Ele sofreu mais do que qualquer de vós e não tinha nada a se censurar, enquanto que vós tendes vosso passado a resgatar e vos fortalecer para o futuro. Sede, pois, pacientes, sede cristãos, essa palavra encerra tudo.

(Um Espírito amigo, Havre, 1862).

O ideal será que a primeira escolha seja ligada a algo que possamos fazer em nós mesmos, sem depender de qualquer ação externa, ou seja, um ERRO comportamental nosso, e neste posso apresentar alguns muito comuns:

- VER erros nos outros;
- gostar de OUVIR fofocas;
- PENSAR mal dos outros;
- FALAR precipitadamente;
- AGIR sem lucidez;
- não ter mãos LIMPAS;
- ESCONDER os pés;
- MAQUIAR o rosto;
- ALTERAR a balança mental etc.

Escolha ‘tranquilamente’ o ERRO que você achar mais fácil de combater e aplique-se nele, com CARIDADE constante, respeitando seus limites, caindo e levantando, quantas vezes se fizerem necessárias, até que ‘sinta’ não mais possuir este ERRO. Só a partir desse ponto é que passará a combater outro ERRO! Concentre-se na AMOROSA batalha, dentro de si, e certamente vencerás!

ESPELHO I

Com a primeira escolha feita, que seja, por exemplo: Não mais VER erros nos outros.

Deve ser enfocada uma situação específica. Vejamos algumas situações que podemos pensar:

- pessoas de tal grupo são desonestas...;
- pessoas sujas são vagabundas...;
- pedintes são perigosos e vagabundos...;
- criança molambenta é trombadinha...;
- mulher muito alegre é fácil...;
- homem muito delicado é homossexual...;
- drogados são suicidas...;
- conversa de casal não casado; aí tem coisa...;
- ser funcionário de tal lugar; é ser vagabundo...;
- estou sem trocado...

Você pode acrescentar quantos itens lembre.

Escolhido o foco, por exemplo: ESTOU SEM TROCADO, passamos ao enfoque devido, e pergunte-se: Por que ESTOU SEM TROCADO?

- Será porque não quero dar esmola?
- Será porque não tenho miúdo, só tenho graúdo?
- Será somente por que achei essa resposta boa?
- Será porque me viciiei nessa resposta?
- Será porque até quatro é esmola, mas não acima?

Podem-se colocar mais enfoques, pois é importante, e até pode ser decisivo, para o bom êxito da ação próxima futura.

MEXIDA I

PARA OS EXEMPLOS ESCOLHIDOS

Com a primeira escolha feita, que seja, por exemplo: Não mais VER erros nos outros. Escolhido o foco, por exemplo; ESTOU SEM TROCADO, passamos ao enfoque devido, e pergunte-se: Por que estou sem trocado? Digamos, por exemplo, que o enfoque seja,... ATÉ QUATRO é esmola, mas não acima?

No capítulo XIII do Evangelho Segundo o Espiritismo, ‘O Óbolo da viúva’, está bem relatada esta situação e, a partir da sua meditação, nos alerta para a mudança a ser feita. Não é o montante que importa, e sim o SENTIMENTO com que se dá! Embora outras passagens do Evangelho, tais como: - ‘Dar a César...’, ‘Que a mão esquerda...’, ‘O moço rico...’ -, também sejam excelentes referenciais para meditação.

Nesta altura já há material bastante para as primeiras ações no caminhar evolutivo espiritual. Deve ser mudado o modo de VER, não referente ao pedinte, e sim do doador!

Se o doador dá um ou um milhão, ele deu o quê de si mesmo?

Pela Doutrina Espírita sabemos que o PAI nos ‘deu’ a vida espiritual, tudo mais nos está por ‘empréstimo’, para nosso evolutivo espiritual, nunca devemos nos esquecer disto! Portanto, para darmos algo; NOSSO! Só pode ser de nosso valor espiritual e obtido por ações espirituais!

Com a afirmação acima parece que ficou tudo complicado, mas não é assim.

MEXENDO I

Tudo que é do mundo material, inclusive o Perispírito, representa, e são, ‘ferramentas’ a serem utilizadas pelo Espírito na sua jornada evolutiva.

O fluido vital é o ‘combustível’ que o Espírito trabalha e gasta, com as ações materiais, para aprender a ser econômico, justo e eficiente, com a finalidade de ser CORRETO pelas leis divinas.

O PAI utilizando Seu fluido divino, pelo pensamento amoroso e palavra amorosa - FAÇA-SE! -, criou-nos, os Espíritos, e ao Universo infinito recheado de fluidos materiais, para servir-nos de ferramenta no caminho evolutivo espiritual.

Voltemos agora ao caso específico destas primeiras ações. Vamos responder ao seguinte:

- o que tenho recebi por herança?
(então não há mérito meu!);

- o que tenho consegui com suado labor?
(mas quem lhe DEU as ferramentas? Há mérito parcial meu!)

Agora já começamos a perceber a razão das palavras do Mestre Jesus - o Cristo: ‘Dê da sua sobra, mas melhor dar da sua abundância!’. E aqui aparecem duas palavras, desprezo (sobra) e desapego (abundância). E dessas palavras entendemos os exemplos do Mestre em puro ‘desapego’ aos valores materiais (ferramentas) e intenso ‘apego’ aos valores morais (evolutivo espiritual).

Repetindo a frase inicial: Tudo que é do mundo material, inclusive o Perispírito, representa, e são, ‘ferramentas’ a serem utilizadas pelo Espírito na sua jornada evolutiva.

CAMINHANDO I

Com o aprendizado na Doutrina dos Espíritos, e aplicando a este exemplo, entendemos que nossas primeiras ações deverão ser direcionadas contra uma das múltiplas facetas do EGOÍSMO. O EGOÍSMO pode ser entendido como a exaltação do EU através do MEU!

Para verificar ‘a quantas’ anda o EGOÍSMO é só responder a uma pergunta: De TUDO que é MEU, o que EU levarei ao desencarnar?

Não fique preocupado com a resposta à pergunta acima, a resposta é somente para que se entenda a validade, ou não, desse MEEEEUUUUU...

Pense num profissional que tenha perdido toda a sua ferramenta de trabalho. É natural que ele fique aborrecido pelo fato, principalmente se ele foi o culpado pela perda, mas na esquina existe uma loja onde ele irá adquirir novo jogo de ferramentas e continuará sua jornada, pois o seu CONHECIMENTO e sua ARTE não foram perdidos!

É interessante que só se possa ‘manifestar’ CONHECIMENTO tendo as ferramentas próprias para esse fim...! Repetindo aquela frase: Tudo que é do mundo material, inclusive o Perispírito, representa, e são, ‘ferramentas’ a serem utilizadas pelo Espírito na sua jornada evolutiva.

Neste ponto deve ser ‘pensada’ aquela outra frase anterior: Se o doador dá um ou um milhão; ele deu o quê de si mesmo?

VIRTUDE I

Aqui é apresentada a minha sugestão, fundamentada no seguinte:

- como, ainda, não acreditamos que somos Espíritos!
- como, ainda, não acreditamos que somos imortais!
- como, ainda, não acreditamos que reencarnamos!
- como, ainda, não acreditamos que devemos de outras encarnações!
- como, ainda, não acreditamos que plantamos para próximas encarnações!
- como, ainda, não acreditamos na mansuetude da morte!

Em razão dessas ‘descrenças’ deve ser escolhida uma ‘virtude’ para a direção do caminhar evolutivo espiritual. E a ‘virtude’ que sugiro é a PACIÊNCIA... Mas que essa PACIÊNCIA seja consciente! E intensamente aplicada a SI mesmo!

PACIÊNCIA:

- pelo meu desconhecimento,
- pelas minhas limitações,
- pelas minhas dores,
- pelos meus aborrecimentos,
- pela minha incompreensão,
- pela minha dureza, ou moleza, de coração,
- pela minha falta, ou sobra, de tempo,
- pela minha ‘dificuldade’ de aprender,
- pela minha ‘facilidade’ de ensinar,
- pelas minhas ‘manifestações’ instintivas animais,
- pelo uso indevido de minhas ‘ferramentas’ etc.

VÁ MEXENDO E CAMINHANDO ESPIRITUALMENTE I

Continuando com o exemplo escolhido, retomemos o que foi afirmado acima:

- Nesta altura já há material bastante para as primeiras ações no caminhar evolutivo espiritual. Deve ser mudado o modo de VER, não referente ao pedinte, e sim do doador!

- VEJA o seu irmão impaciente, mas tenha PACIÊNCIA ao julgar... Melhor ainda; julgue-se!
- VEJA o seu irmão pedinte, mas tenha PACIÊNCIA ao julgar... Melhor ainda; julgue-se!
- VEJA o seu irmão doente, mas tenha PACIÊNCIA ao julgar... Melhor ainda; julgue-se!
- VEJA o seu irmão demente, mas tenha PACIÊNCIA ao julgar... Melhor ainda; julgue-se!
- VEJA o seu irmão carente, mas tenha PACIÊNCIA ao julgar... Melhor ainda; julgue-se!
- VEJA o seu irmão intransigente, mas tenha PACIÊNCIA ao julgar... Melhor ainda; julgue-se!
- VEJA o seu irmão dependente, mas tenha PACIÊNCIA ao julgar... Melhor ainda; julgue-se!
- VEJA o seu irmão diferente, mas tenha PACIÊNCIA ao julgar... Melhor ainda; julgue-se!
- VEJA o seu irmão prepotente, mas tenha PACIÊNCIA ao julgar... Melhor ainda; julgue-se!
- VEJA o seu irmão maledicente, mas tenha PACIÊNCIA ao julgar... Melhor ainda; julgue-se!
- VEJA o seu irmão insolente, mas tenha PACIÊNCIA ao julgar... Melhor ainda; julgue-se!
- VEJA o seu irmão dolente, mas tenha PACIÊNCIA ao julgar... Melhor ainda; julgue-se!
- VEJA o seu irmão decente, mas tenha PACIÊNCIA ao julgar... Melhor ainda; julgue-se!
- VEJA todos os seres humanos, mas tenha PACIÊNCIA ao julgar... Melhor ainda; julgue-se!

Pois somos todos apenas... IRMÃOS!

Melhor ainda; JULGUE-SE!

Mas, ao se julgar, use TODO o AMOR e PACIÊNCIA que tiver: VOCÊ MERECE!

Aplique 'gradativamente' essa PACIÊNCIA e, em menos tempo do que esperava, descobrirá que você:

ESTÁ SEGUINDO E EVOLUINDO ESPIRITUALMENTE!

MAS LEMBRE-SE:

ESTA É APENAS UMA SUGESTÃO, CRIE A SUA!

ALGUMAS REFERÊNCIAS PARA MEDITAR

(PASSOS DA VIDA - FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER - ALBINO TEIXEIRA)

1 - O QUE MAIS SOFREMOS

O que mais sofremos no mundo –

Não é a dificuldade. É o desânimo em superá-la.
 Não é a provação. É o desespero diante do sofrimento.
 Não é a doença. É o pavor de recebê-la.
 Não é o parente infeliz. É a mágoa de tê-lo na equipe familiar.
 Não é o fracasso. É a teimosia de não reconhecer os próprios erros.
 Não é a ingratidão. É a incapacidade de amar sem egoísmo.
 Não é a própria pequenez. É a revolta contra a superioridade dos outros.
 Não é a injúria. É o orgulho ferido.
 Não é a tentação. É a volúpia de experimentar-lhe os alvitres.
 Não é a velhice do corpo físico. É a paixão pelas aparências.

Como é fácil de perceber, na solução de qualquer problema, o pior problema é a carga de aflições que criamos, desenvolvemos e sustentamos contra nós.

(52 LIÇÕES DE CATECISMO ESPÍRITA - ELISEU RIGONATTI)

CONHECE-TE A TI MESMO

Já sabemos que estamos encarnados para aprender alguma coisa nova e para corrigir as imperfeições de nosso caráter.

É corrigindo o nosso caráter que limparemos o nosso perispírito das manchas que acumulamos nele.

A melhor maneira de corrigirmos nossas imperfeições é fazendo um cuidadoso estudo de nós mesmos.

Conhece-te a ti mesmo, disse Sócrates, que foi um luminoso Espírito que veio à Terra há muitos séculos passados.

Na verdade, precisamos estudar nosso caráter, descobrir quais são os nossos defeitos, para em seguida corrigi-los.

É CONHECENDO O QUE SOMOS QUE FICAREMOS MELHORES.

De nossas vidas passadas nós ainda trazemos muitos defeitos dos quais precisamos ficar livres.

Cada um deve procurar os seus defeitos e arrancá-los de seu arquivo morto, como o bom jardineiro arranca do seu jardim as ervas daninhas.

Os vaidosos, os orgulhosos, os soberbos devem esforçar-se por serem amigos de todos e tratarem a todos com benevolência, carinho e amizade.

Os nervosos e irritadiços devem dominar a cólera, serem mansos e pacíficos e saberem controlar seus nervos.

Os preguiçosos que se acostumem a trabalhar com entusiasmo e alegria.

Os egoístas devem deixar de ser avarentos e darem a quem lhes pedir; e lembrarem-se de que quem dá ajunta tesouros no céu onde nem a traça nem a ferrugem os consomem e os ladrões não

penetram nem roubam.

Agora nossa tarefa principal é adquirir um bom caráter que constituirá nossa fortuna espiritual.

FAÇAMOS O BEM

Todos nós queremos ter direito à felicidade; portanto, trabalhemos esforçadamente para adquirirmos esse direito.

A felicidade, como tudo o que há no universo, só é dada a quem lutar por ela.

Deus nos dá tudo, mas deseja que façamos alguma coisa em troca do que Ele nos concede.

Eu te farei feliz, diz o Senhor, mas antes quero que tu faças felizes aos teus irmãos.

Só somos realmente felizes quando trabalhamos para tornar os outros felizes.

Fazer o correto aos outros é o único meio que nos proporcionará a felicidade e nos dará direito à recompensa do Pai.

Na prática da ação correta não devemos distinguir as pessoas; os conhecidos e os desconhecidos merecem nossa atenção.

É preciso que saibamos ir procurar as misérias ocultas, as aflições alheias e sobre elas estender as consolações que o Senhor nos conceder.

Não percamos nenhuma ocasião de sermos úteis, de prestarmos um serviço, de suavizarmos uma dor; porque aquilo mesmo que dermos aos nossos irmãos, o Pai dará a nós também.

Há um ditado que diz: 'Façamos o bem sem olhar a quem'. Este provérbio é verdadeiro e significa que é nossa obrigação fazer a ação correta até para as pessoas que não gostam de nós, até aos nossos adversários (inimigos?).

O ESTUDO

O estudo é o companheiro do trabalho, o estudo planeja e o trabalho realiza.

O estudo põe nossa inteligência em atividade e desperta nossa atenção para as coisas superiores do universo.

A escola nos ensina a ler e a escrever e nos orienta no caminho do progresso.

Mas não é só na escola que estudamos. O estudo que nos torna sábios também é feito no silêncio de nosso quarto, perto da estante de nossos livros.

Os livros são nossos melhores professores.

Os bons livros nunca nos enganam e estão sempre prontos a nos ensinar alguma coisa.

Para que o Espírito se aperfeiçoe é necessário que estudemos as coisas espirituais.

O estudo das coisas espirituais nos dá a Sabedoria.

Sabedoria é sentimento; é iluminação em nome de Deus e de Jesus, o Cristo.

Sentimento é o amor que dedicamos ao nosso próximo.

Iluminação é o perfeito conhecimento das leis de Deus.

Jesus, o Cristo, é um Espírito iluminado porque conhece as leis de Deus e sabe aplicá-las em benefício de seus irmãos mais atrasados.

Precisamos estudar ativamente para adquirirmos o conhecimento espiritual; porque o conhecimento espiritual é a chave de toda a ciência.

Agora que somos estudantes da Verdade temos o dever de formar uma pequenina biblioteca em nosso lar e dedicar algumas horas por semana à leitura de um bom livro.

O TRABALHO

A Terra é uma vasta oficina onde cada um de nós executa um determinado trabalho.

Duas são as finalidades do trabalho: prover nossas necessidades materiais e aperfeiçoar o Espírito.

Provendo nossas necessidades materiais, o trabalho nos livra da miséria, dá-nos o conforto do lar, a roupa e o pão.

O trabalho nos eleva moralmente porque a pessoa trabalhadora toma parte ativa no progresso do mundo e concorre para o bem-estar de todos.

Aperfeiçoando o Espírito, o trabalho nos ensina a DISCIPLINA, a PACIÊNCIA e a OBEDIÊNCIA.

O trabalho desenvolve o nosso sentido de observação e aguça a nossa inteligência, nos mostra o grande valor da cooperação, isto é, que precisamos ajudar-nos uns aos outros.

Do pequenino trabalho de cada um de nós é que surgem as grandes empresas e as grandes nações. Tudo no universo trabalha e da união de todos os esforços os Espíritos progridem e o mundo melhora.

Cada um de nós é chamado a desempenhar uma determinada tarefa de acordo com o seu grau de adiantamento e de acordo com as provas pelas quais terá de passar; daí nasce a grande divisão do trabalho que beneficia a todos: o que um não faz outro faz e assim não há falta de nada.

Por mais humilde que um trabalho seja nunca o devemos desprezar. Se todos nós quiséssemos ser escriturários o que produziriam as fábricas e o que nasceria nos campos? As fábricas nada produziriam e nos campos só cresceria o mato.

Todo o trabalho honesto é abençoado por Deus.

Jesus, o Cristo, nosso luminoso Mestre, quando se encarnou entre nós trabalhou de carpinteiro; provou assim que todo o trabalho é santo e que muito vale o trabalho de nossas mãos.

O maior trabalhador do universo é Deus.

Jesus, o Cristo, disse: “Nosso Pai trabalha incessantemente”: por isso nós também devemos trabalhar.

NÃO JULGUEMOS

O hábito de julgar os outros constitui uma das imperfeições de nosso caráter. É preciso que empreguemos todos os nossos esforços para ficarmos livres dessa imperfeição.

Julgar os outros é uma das maneiras de a gente ser orgulhosa, porque quem julga acredita que é superior aos seus irmãos.

Reparar na vida alheia; falar mal de nossos colegas, de nossos amigos e de nossos parentes; criticar os atos dos outros; fazer intrigas; contar para todos as faltas que viu alguém cometer; tudo isso é julgar os outros.

Quem assim procede não compreende o mandamento - amemo-nos uns aos outros - e falta com o dever da caridade.

Não podemos reparar nos defeitos de nosso próximo porque nós também estamos cheios de defeitos.

O direito de julgar pertence a Deus. Só nosso Pai sabe julgar com justiça os erros de seus filhos.

Um modo fácil que nos ajudará a ficar livres desse defeito é ter por regra o seguinte: Falar e pensar somente bem de todos; quando não pudermos falar bem, fiquemos quietos ou desviemos conversa.

Há muitos assuntos belíssimos que merecem nossa atenção sem que precisemos criticar a vida dos outros.

(AGONIA DAS RELIGIÕES - JOSÉ HERCULANO PIRES)

O ponto crucial do problema religioso chama-se hipocrisia. E a hipocrisia resulta das atitudes egoístas, da falta de compreensão do verdadeiro sentido da Religião, que é caminho e não ponto de chegada da espiritualização do ser humano. Os religiosos que pretendem atingir a santidade do dia para a noite, que se revestem de pureza exterior, encobrendo a podridão interior, são os hipócritas condenados veementemente no Evangelho. A solução desse grave problema, que responde pela morte cíclica das civilizações, está na compreensão da verdadeira natureza do ser humano, do processo natural do seu desenvolvimento espiritual. Os artifícios purificadores só servem para mascarar os indivíduos pretensiosos. As práticas ascéticas não podem ser forçadas. As paixões e os instintos do ser humano são manifestações de forças vitais que, sob o controle da razão e do sentimento, podem e devem guiar o Espírito nos rumos da transcendência.

(EDUCAÇÃO ESPIRITUAL DO HOMEM - JOSÉ HERCULANO PIRES)

A evolução humana não se faz por meio desses artifícios ridículos. Não vem de fora, mas de dentro, das profundezas do ser. A experiência vital é o corretivo natural dos Espíritos indisciplinados. Na Terra podemos fingir e mentir à vontade, mas ao deixá-la nos defrontaremos com a realidade nua e crua do que somos. O que nos interessa, portanto, não é aprender regras padronizadas de comportamento fingido, mas refinar-nos na medida do possível, cultivando o respeito aos outros, o amor aos semelhantes, a humildade que nasce da compreensão de nossas imperfeições. O fingimento é logo percebido por todos os que não se utilizam dele.

...

A imensa maioria das criaturas humanas, às vésperas da Era Cósmica, vive o dia-a-dia das sensações primárias da espécie. O desenvolvimento do Espírito foi atrofiado na civilização tecnológica pela importância dada, de maneira quase absoluta, aos problemas do bem-estar, das comodidades e da elegância do supérfluo. Em geral, somos ainda macacos – não os que atribuíram a Darwin, mas os posteriores – mais interessados a cuidar da barriga do que da cabeça.

...

A Moral e a Religião livres constituem a fase de transição do ser moral para o ser espiritual. Neste ser o ser humano atinge a *transcendência* possível na *Existência*. Diante dele se abrem as vias da Espiritualidade Superior. A morte não existe para ele, pois vê diante dele as perspectivas do Infinito, com os mundos felizes em que as atividades humanas são substituídas pelas atividades divinas. Nele se cumpre a destinação do ser humano no após morte, com a vida em abundância a que se referiu o Cristo, o Nirvana de Buda, o Tao de Lao Tsé e assim por diante. Não podemos conceber, em nossos cérebros de origem animal, a grandeza ilimitada dessa transcendência cósmica, que é o destino natural de todas as criaturas humanas.

A Moralidade, que Pestalozzi considerava como a única religião verdadeira, colocando-a como o fim supremo da educação, representa o acabamento do ser humano como um ser humano, o cidadão universal. Esse ser humano formado para universalidade não tem pátria nem raça, mas não é um apátrida, porque todas as nações lhe servem de pátria. Não aceita nenhuma discriminação humana, pois a Humanidade é a sua família e a sua raça. Ele vê nos seus irmãos humanos, de todas as condições, criaturas que avançam para a divindade, esse delta espiritual em que deságuam todos os rios que se decantam nas corredeiras existenciais para atingirem o verdadeiro Mar da Serenidade, que não está na Lua, mas aqui mesmo na Terra dos Humanos. Este não é um sonho de poeta lírico, nem uma alucinação ou miragem, mas a realidade que Jesus de Nazaré nos mostrou na face líquida do Mar da Galiléia. A pesca milagrosa dos Evangelhos se repete continuamente na visão espiritual dos que se entregam ao fluxo existencial.

(EDUCAÇÃO PARA A MORTE-JOSÉ HERCULANO PIRES)

Nesta obra Herculano nos mostra que o ser humano deve ser educado, não só para esta vida atual, mas também preparando-se, através do aperfeiçoamento intelectual e moral, para as próximas existências, alternando-se no mundo espiritual e no mundo material, dentro do longo processo de evolução a que estão vinculados todos os seres do universo.

...

Vou me deitar para dormir. Mas posso morrer durante o sono. Estou bem, não tenho nenhum motivo especial para pensar na morte neste momento. Nem para desejá-la. Mas a morte não é uma opção, nem uma possibilidade. É uma certeza. Quando o Júri de Atenas condenou Sócrates à morte ao invés de lhe dar um prêmio, sua mulher correu aflita para a prisão, gritando-lhe: “Sócrates, os juízes te condenaram à morte”. O filósofo respondeu calmamente: “Eles também já estão condenados”.

...

O Messias espantou a chicote os animais do corredor do Templo que deviam ser comprados para o sacrifício redentor no altar simoníaco e derrubou as mesas dos cambistas, que trocavam no corredor do Templo as moedas gregas e romanas pelas moedas sagradas dos magnatas dispenseiros da misericórdia divina. O episódio esclarecedor foi suplantado na mente popular pelo impacto esmagador das ameaças celestiais contra os descrentes, esses rebeldes demoníacos. Em vão o Cristo ensinou que as moedas de César só valem na Terra. Há dois mil anos essas moedas impuras vêm sendo aceitas por ‘Deus’ para o resgate dos Espíritos condenados. Quem pode, em sua consciência, acreditar hoje em dia numa Justiça Divina que funciona com o mesmo combustível da Justiça Terrena? Os sacerdotes foram treinados a falar com voz empostada, melíflua e fingida, para, à semelhança da voz das antigas sereias, embalar o povo nas ilusões de um amor venal e sem piedade. Voz doce e gestos compassivos não conseguem mais, em nossos dias, do que irritar as pessoas de bom senso. O Cristo Consolador foi traído pelos agentes da misericórdia divina que desceu ao banco das pechinchas, no comércio impuro das consolações fáceis. Os seres humanos preferem jogar no lixo os seus Espíritos, que Deus e o Diabo disputam não se sabe por quê.

...

A Educação para a Morte não é nenhuma forma de preparação religiosa para a conquista do Céu. É um processo educacional que tende a ajustar os educandos à realidade da Vida, que não consiste apenas no viver, mas também no existir e no transcender. A vida e a morte constituem os limites da existência. Entre o primeiro grito da criança ao nascer e o último suspiro do velho ao morrer, temos a consciência do ser e do seu destino.

...

Mas a transcendência vertical, que não provém simplesmente das leis da vida, mas das aspirações de realização consciencial, essa só pode realizar-se no plano existencial, em que o desenvolvimento da consciência o leva a buscar a Consciência Suprema, que é Deus. Nesse plano o ser humano supera a fragilidade da existência e projeta-se na conquista de si mesmo, no controle integral de seus pensamentos, sentimentos e ações. Dessa maneira, a morte liberta o ser das condições da existência e nele se completa a realidade do ser. A Educação para a Morte é, portanto, a preparação do ser humano durante a sua existência, para a libertação do seu condicionamento humano. Libertando-se desse condicionamento, o ser humano se reintegra na sua natureza espiritual, torna-se Espírito, na plenitude de sua essência divina.

...

Enganam-se os que pensam nos mortos como mortos. Eles estão mais vivos do que nós, dispõem de visão mais penetrante que a nossa, são criaturas mais definidas do que nós, e podem ver-nos, visitar-nos e comunicar-se conosco com mais facilidade e naturalidade. É preciso que não nos esqueçamos deste ponto importante: os seres humanos são Espíritos e os Espíritos nada mais são

do que seres humanos libertos das injunções da matéria. Nós carregamos um fardo, eles já o alijaram de suas costas. Temos de pensar neles como criaturas vivas e atuantes, como realmente o são. Eles não gostam das nossas tristezas, mas sentem-se felizes com a nossa alegria. Não querem que pensemos neles de maneira triste porque isso os entristece. Encontram-se num mundo em que as vibrações mentais são facilmente perceptíveis e desejam que os ajudemos com pensamentos de confiança e alegria. Não temos o direito de perturbá-los com as nossas inquietações terrenas, em geral nascidas do nosso egoísmo e do nosso apego material.

...

Os meios de fuga se multiplicaram amesquinhando-se. Não queremos nem mesmo fugir para Passárgada, pois não somos mais os amigos do Rei, como no sonho do poeta. A realidade terrena perdeu o encanto das belezas naturais, destruídas pelo vandalismo inconsequente. Nosso anseio de transcendência é apenas horizontal, voltado sistematicamente para a conquista de prestígio social, dinheiro e poder temporal. Nessa linha rasteira de ambições perecíveis, sem nenhum sentido espiritual, fugimos para a negação de nós mesmos e rejeitamos a nossa essência divina, pois nos tornamos realmente indignos dela. O ser humano frustrado de Sartre transformou a morte, o túmulo e os vermes, ou o pó impalpável das incinerações cadavéricas, em sua única herança possível. As palavras alentadoras de Paulo: “Se nós somos filhos, somos, também, herdeiros de Deus e coerdeiros do Cristo” soam no vazio, no oco do mundo, que nem eco produz.

...

Preparar para a vida é educar para a morte. Porque a vida é uma espera constante da morte. Todos sabemos que temos de morrer e que a morte pode sobrevir a qualquer instante. Essa certeza absoluta e irrevogável não pode ser colocada à margem da vida. Quem se atreve a dizer: “A morte não importa, o que importa é a vida”, não sabe o que diz, fala com insensatez. Mas também os que só pensam na morte e se descuidam da vida são insensatos. Nossa morte é o nosso resgate da matéria. Não somos materiais, mas espirituais. Estamos na matéria porque ela é o campo em que fomos plantados, como sementes devemos germinar, crescer, florir e frutificar. Quando cumprirmos toda a tarefa, tenhamos a idade que tivermos, a morte vem nos buscar para reintegrar-nos na condição espiritual. Basta esse fato, que é incontestável, para nos mostrar que da nossa vida depende a nossa morte. Cada pensamento, cada emoção, cada gesto e cada passo na vida nos aproximam da morte. E como não sabemos qual é a extensão de tempo que nos foi marcado ou concedido para nos prepararmos para a morte, convém que iniciemos o quanto antes a nossa preparação, através de uma educação segundo o conceito de *existência*. Quanto antes nos prepararmos para a vida em termos de educação para a morte, mais fácil e benigna se tornará a nossa morte, a menos que pesem sobre ela compromissos agravantes de um passado criminoso.

...

A Verdade, o Amor e a Justiça formam a tríade básica dessa nova forma educacional que pode e deve salvar o mundo de sua perdição na loucura das ambições desmedidas.

...

Geralmente não se pensa no que isso representa para a Humanidade. Entregues às suas preocupações absorventes dos seus dia-a-dia, homens e mulheres ainda vivem na Terra como há milhões de anos. Cuidam da vida sem se preocuparem com a morte. Essa posição anestésica é útil na Terra, mas desastrosa nos planos espirituais.

...

Em tudo isso nada existe de sobrenatural. Na Terra ou no Céu estamos dentro da Natureza. As leis naturais que conhecemos na matéria são as mesmas que abrangem todo o Universo, na riqueza e no esplendor da natureza. A salvação que todos os crentes desejam não vem dos for-

malismos religiosos de nenhuma igreja, mas do nosso esforço cotidiano para nos transformarmos de prisioneiros da matéria e da animalidade primitiva para a espiritualidade que carregamos oculta e abafada em nós mesmos.

...

A fase mais difícil do ato educativo é a que dá a compreensão do desapego aos bens passageiros do mundo, sem desprezá-los, como forma de preparação para as atividades de abnegação amorosa que devemos exercer depois da morte.

...

Ninguém faz sem ter aprendido, mas ninguém aprende sem fazer.

...

A convivência humana é entretecida de interesses, desconfianças, despeitos e aversões, sobre um pano de fundo em que o amor, a simpatia e o respeito oferecem precária base de sustentação. Grande parte dessa tessitura de malquerenças recíprocas provém de motivos ocultos, provenientes de invejas e ciúmes. Porque uns são mais dotados do que outros e a vaidade humana não permite aos inferiorizados perdoar os mais agraciados pela natureza ou pela fortuna. O problema da reencarnação explica essas diferenças, muitas vezes chocantes, e alenta os infelizes com esperanças racionais, mostrando-lhes que cada um de nós é o responsável único pelo seu condicionamento individual. Os seres humanos aprendem a tolerar suas derrotas hoje para alcançar vitórias futuras, e nesse aprendizado já se superam a si mesmos, modificando o teor inferior das relações sociais.

...

Não é com sermões tecidos de palavras mansas e palavatório emotivo, nem com piedade fingida, bênçãos formais do profissionalismo religioso, promessas de um céu de delícias ao lado de ameaças de condenações eternas que podemos despertar os seres humanos para uma vida mais elevada. Temos de colocar os problemas humanos em termos racionais, sem contradições amedrontadoras. O ser humano reage, consciente ou inconscientemente, a todas as ameaças e condenações e a todas as injustiças da sociedade e das potências divinas. Até hoje, fomos tratados como animais em fase de domesticação e reagimos intensificando a violência e a revolta por toda a Terra. De agora em diante precisamos pensar seriamente na educação positiva do ser humano na vida, com vistas à sua educação para a morte. O instinto de posse e as ambições do poder desencadearam na Terra a onda de violências que hoje nos assombra. Mas o ser humano é racional e pode superar essa situação desastrosa ante a revelação das molas secretas do amor e da bondade.

...

O mandamento central dos Evangelhos, e por isso mesmo o mais complexo e o mais difícil, é o de amar ao próximo como a nós mesmos e a Deus sobre todas as coisas. Amar ao próximo não parece muito difícil, mas amá-lo como a nós mesmos é quase uma temeridade. Mas Jesus o deu de maneira enérgica, explicando ainda que esse amor corresponde também ao amor a Deus. Amamos naturalmente a nós mesmos com tal afinco que estendemos esse amor à família e o negamos às pessoas estranhas, não raro de maneira agressiva e ciumenta.

...

A sabedoria dos ensinamentos de Jesus se revela precisamente nesses casos em que se mostra de maneira evidente. Com o ensino do amor ao próximo Jesus agiu sobre a indevida extensão dessas forças preservadoras num tempo de maturidade. Não foi somente com o ensino do monoteísmo, da unicidade de Deus, que ele procurou acordar-nos para a fraternidade humana. Completando a ação reformista e dando mais ênfase à necessidade de amarmos a todos os nossos semelhantes, ele definiu a família humana como decorrente da paternidade universal de Deus.

...

Mais estranho nos parece o mandamento: “Amai aos vossos inimigos”. Entretanto, se não fizermos isso, nunca aprenderemos realmente a amar. Porque o verdadeiro amor nunca é discriminativo, mas abrangente, envolvendo num só objeto de afeição todas as criaturas.

...

A importância desse problema, na educação para a morte, relaciona-se com a questão da sobrevivência. As pesquisas da Ciência Espírita mostraram que muitos dos nossos sofrimentos na Terra provêm das malquerenças do passado. Um inimigo no Além representa quase sempre ligações negativas, de forma obsessiva, para o que ficou na Terra sem saber perdoar.

A situação obsessiva é grandemente desfavorável para o que continua vivo na Terra, pois este se esqueceu dos males cometidos e o Espírito obsessor, vingativo, lembra-se claramente de tudo.

...

De nada valem essas pequenas trapaças. A morte chega quando menos a esperamos e não raro nos leva para a outra vida sem nos dar tempo para compreender o que acontece. As pesquisas psíquicas, através de mais de dois séculos, mostram o curioso espetáculo de muitas criaturas mortas que não sabem que morreram. Continuam vivas na matéria por conta de suas próprias ilusões e passam a assombrar sem querer e sem o saber os lugares em que viviam ou frequentavam. É claro que permanecem desajustadas no mundo espiritual.

Para evitar esses e outros inconvenientes, devemos desenvolver em nós a consciência da morte, sabendo positivamente que ela existe e é inevitável, sendo inútil qualquer ilusão nesse sentido, que só poderá prejudicar-nos. Temos de nos familiarizar com a morte, considerando-a com naturalidade, não a transformando em tragédia ou em espetáculos inúteis de desespero. Nas sessões espíritas cuida-se muito desses casos, procurando-se despertar os mortos de suas confusões produzidas pelo apego à Terra e integrá-los na nova forma de vida para a qual passaram. Eles não são tratados como *almas do outro mundo*, mas como companheiros da vida terrena que se libertaram do condicionamento animal por retornarem ao seu mundo de origem, que é o espiritual.

...

A morte marca o limite da tarefa que nos foi confiada e nos transfere para o plano de avaliação de nós mesmos e do que fizemos. O renascimento resulta desse balanço final de uma existência e nos prepara para a seguinte. Os méritos e deméritos de tudo quanto fizemos são exclusivamente nossos, pois o objetivo do Todo é a formação de todos e de cada um para as atividades futuras no desenvolvimento de toda a *perfectibilidade possível* em tudo, em todos e no Todo.

(ESPIRITISMO DIALÉTICO - JOSÉ HERCULANO PIRES)

...

A história do conhecimento é uma sequência de erros, equívocos e frustrações. Este o motivo por que Sócrates costumava explicar: “Só sei que nada sei, e que a filosofia começa quando começamos a duvidar”. Outra coisa não tem feito o ser humano, desde as cavernas da era pré-lacustre, do que errar para aprender. A história da civilização não é, portanto, somente a da luta de classes, segundo o materialismo dialético, mas a própria história do erro. Como, entretanto, do erro, do equívoco, da frustração, nasceram sempre e em todos os tempos o conhecimento e a sabedoria, mais uma vez se comprova, no terreno do pensamento, o processo dialético da natureza, que do pântano arranca os lírios, da larva a borboleta, do errado o correto, do caos da sociedade capitalista os contornos do socialismo.

...

Alegam os mais ferrenhos materialistas que o conhecimento da sobrevivência - se de fato ela existisse - não serviria senão para perturbar a visão presente do ser humano desviando-o da execução pura e simples das tarefas imediatas. Kardec, que condenou a vida contemplativa, e pregou a necessidade da ação contínua, dando o exemplo concreto da sua própria vida de militante espírita, replica: "... a incerteza, no tocante às coisas da vida futura, faz que o ser humano se lance, com uma espécie de frenesi, sobre as da vida material".

A réplica de Kardec não exige demonstrações. A vida moderna, baseada no materialismo prático do mundo capitalista, vale por uma experiência natural, em escala de assombro. Nunca se viu tamanho frenesi na procura dos bens materiais.

...

Todo o esforço do ser humano moderno tem de convergir para a superação dessa tremenda crise do conhecimento. E a superação somente se fará possível com a compreensão dos verdadeiros princípios do Espiritismo como doutrina dialética, por isso mesmo capaz de aplicar à história, à política, à sociologia, à economia, à arte, os seus métodos de análise, de observação, de pesquisa, sem se perder na mística de confessorário, nem se confundir com o tumulto dos comícios subversivos. Além da 'cristalização' das religiões, do reformismo do socialismo político-liberal e da violência do materialismo-dialético, o Espiritismo indicará ao ser humano o caminho seguro das transformações substanciais da vida social, ou perderá a sua razão de ser.

...

Kardec nos indica, entretanto, a necessidade do contínuo esforço do ser humano para se superar a si mesmo e às circunstâncias. A passividade diante das leis naturais caracteriza as formas inconscientes de vida. A consciência está submetida a uma nova lei, em plano mais alto: a lei do esforço próprio, a lei do trabalho e da atividade livre, que a fará progredir, a si mesma e ao todo a que pertence, à coletividade. Em "O Livro dos Espíritos" encontramos esse pensamento claramente definido, impregnando toda a obra, e podemos surpreendê-lo em passos como o seguinte: "Tudo se deve fazer para chegar à perfeição, e o próprio ser humano é instrumento de que Deus se serve para atingir os seus fins. Sendo a perfeição a meta da natureza, favorecer essa perfeição é corresponder aos propósitos de Deus". (questão 692)

...

Na tribo ou na horda, nas civilizações agrárias ou nas civilizações teocráticas, o indivíduo é apenas uma peça da engrenagem social. Funciona segundo as exigências do meio, guiado pelas forças operantes da estrutura sócio-cultural. Denis de Rougemont demonstrou como essas forças determinam a sujeição absoluta do indivíduo à estrutura. Quando ele se reconhece dotado de características próprias, realizando-se na transcendência horizontal da relação social, destaca-se da massa. Corre então o risco da excomunhão. Mas se dispuser de estrutura individual suficientemente unificada (personalidade) poderá elevar-se sobre o meio, iniciando a fase da transcendência vertical. Nesse caso ele se projeta como uma forma de representação coletiva. Será então o chefe, o líder, o guia, integrando o grupo dirigente da comunidade, a sua inteligência. Mas assim mesmo estará freado pelos condicionamentos sociais, terá de fazer concessões à moral social, aos sistemas estabelecidos, às crenças vigentes, ao contexto geral da tradição. Se quiser sobrepor-se a esses fatores poderá ser esmagado pela pressão da massa, traduzida nas sanções institucionais. Foi o caso de Sócrates, como foi o caso de Jesus.

...

Os adversários do Espiritismo desconhecem tudo a respeito e fazem tremenda confusão. Os próprios espíritas, por sua vez, na sua esmagadora maioria estão na mesma situação. Por quê? É fácil explicar. Os adversários partem do preconceito e agem por precipitação. Os espíritas em geral fazem o mesmo: formularam uma idéia pessoal da Doutrina, um estereótipo mental a que se ape-

garam. A maioria, dos dois lados, se esquece desta coisa importante: o Espiritismo é uma doutrina que existe nos livros e precisa ser estudada. Trata-se, pois, não de fazer sessões, provocar fenômenos, procurar médiuns, mas de debruçar o pensamento sobre si mesmo, examinar a concepção espírita do mundo e reajustar a ela a conduta através da moral espírita.

...

A percepção, segundo a Filosofia Espírita, é uma faculdade geral do Espírito, que abrange todo o seu ser. Veja-se o ensaio teórico sobre as sensações dos Espíritos, em “O Livro dos Espíritos”. O Espírito não percebe através dos órgãos, não vê pelos olhos nem ouve pelos ouvidos. Vê e ouve por todo o seu ser. Somente quando sujeito ao corpo físico tem a sua percepção reduzida ao organismo sensorial. Mas, apesar disso, a sujeição corpórea não é absoluta. O Espírito, mesmo encarnado, extravasa dos limites sensoriais e tem percepções extrassensoriais. Essa a grande “descoberta” da Parapsicologia, que, segundo o próprio professor Rhine: “só é nova para a ciência”. Sim, pois os seres humanos sabem, desde todos os tempos, que podem ver sem os olhos e perceber sem os sentidos em todos os campos da percepção.

Mas se os seres humanos podem ver sem os olhos, hão de ver também coisas não visíveis para os olhos. Eis a questão, diria Shakespeare. E essa questão nos leva de volta à teoria das reminiscências de Sócrates e Platão. Que teoria é essa? A de que os nossos Espíritos, ou seja, nós mesmos, antes de encarnarmos neste mundo já conhecíamos muitas coisas. Esse conhecimento está dentro de nós na forma de reminiscência, de lembrança amortecida pela carne. Por isso Sócrates inventou a maiêutica, o processo de tirar o conhecimento das profundezas do ignorante como se tira água do poço. E Platão ensinou, com o famoso mito da caverna, que na Terra somos apenas sombras, as projeções passageiras e irrealis de nós mesmos, dos nossos Espíritos, que na realidade vivem acima da matéria, transcendem a ela.

(INTRODUÇÃO À FILOSOFIA ESPÍRITA - JOSÉ HERCULANO PIRES)

...

Pitágoras, o criador do termo Filosofia, já afirmava que a Terra é a morada da opinião. Mais tarde, Descartes advertiu que o preconceito e a precipitação, dois vícios comuns da espécie humana, prejudicam o juízo e impedem a descoberta da verdade.

...

Assim, o Espírito é a substância do ser humano e o corpo o seu acidente. A percepção é uma faculdade do Espírito e não do corpo físico. É o escafandrista que vê através dos vidros do escafandro e não este que vê pelos seus vidros.

...

Razão e Fé constituem, portanto, elementos essenciais do Espírito, conjugados em torno de um eixo que é a Vontade. Esta, a Vontade, se representa pelo livre-arbítrio, o princípio da liberdade, sem o qual a Razão de nada serviria e a Fé não teria sentido.

...

No cap. XX de “O Evangelho Segundo o Espiritismo” Kardec estuda os aspectos imanente e transcendente da Fé. O imanente é o que ele chama a Fé humana, que consiste na “confiança na realização de alguma coisa, a certeza de se atingir um fim”. O transcendente é a fé religiosa. O ser humano tem fé em si mesmo, na sua força, na sua inteligência, na sua capacidade. Mas tem fé, também, no seu destino, nas forças sobrenaturais e em Deus. Em todos os estágios da sua manifestação, desde as eras primitivas até os nossos dias, a Fé se justifica pela Razão. Mas somente na era espírita, no momento em que o Espiritismo desvenda novas perspectivas à compreensão humana, a fé se confirma pela explicação racional e se demonstra de maneira científica. A Fé cega do passado se transforma então na Fé racional e raciocinada do Espiritismo.

...

Cada criatura humana é um ser espiritual, mas é também um ser físico ou um ser corporal. Esse problema do Ser físico, hoje colocado pela chamada Ontologia do Objeto, é puramente verbal e, portanto abstrato no plano da Filosofia atual. Mas na Filosofia Espírita é um problema concreto e suscetível de verificação experimental. Encontramo-lo no item 605.a de “O Livro dos Espíritos”, que assim o coloca: “Se o ser humano não possui uma alma animal, que por suas paixões o rebaixe ao nível dos animais, tem o seu corpo físico, que frequentemente o rebaixa a esse nível, porque o corpo físico é um ser dotado de vitalidade, que possui instintos, mas não inteligentes, limitados aos interesses de sua conservação”.

...

A essência é que tudo domina. Ela é a realidade última. Mas só através da existência conseguimos atingi-la. Temos de penetrar as capas existenciais do ser para encontrá-lo na sua realidade essencial. É por isso que o Espiritismo tem o seu aspecto existencialista: vivemos na existência, evoluímos através das existências sucessivas, vemos todas as coisas na perspectiva existencial, mas buscamos em tudo a sua essência, pois sabemos que somente nela iremos encontrar o real. A ontologia espírita oferece-nos uma visão dialética das coisas e dos seres. Aprendemos que a realidade aparente é ilusória (como a própria Física hoje nos mostra), mas que é também necessária para chegarmos à realidade verdadeira. O ser humano está no ápice da escala evolutiva existencial. Acima dele se abrem as perspectivas de outra existência, a dos Espíritos que superaram o domínio da matéria e que as religiões chamam anjos, devas, arcanjos e assim por diante.

...

A individualização do princípio inteligente é um processo psicocêntrico. Todo o psiquismo se concentra progressivamente na formação da consciência, na definição do Ser. O Ser, uma vez determinado, é um ego, uma unidade psíquica, segundo vemos no item 92 do L. E., comentário de Kardec. Essa unidade, pela própria necessidade de manter-se integrada, é egocêntrica e, portanto egoísta. A socialização é um processo de descentralização psíquica, não no sentido de desagregação, mas de expansão das potencialidades do ego, que se abre na vida social como a semente ao germinar ou a flor que desabrocha. Essa a razão porque a caridade é o princípio espírita da vida social: através dela o ser humano se abre para os outros, o egoísmo se transforma em altruísmo.

...

O “Evangelho Segundo o Espiritismo” é o código moral da vida espírita e, portanto o livro em que os princípios normativos da Sociologia Espírita se encontram definidos e explicados.

(MEDIUNIDADE - JOSÉ HERCULANO PIRES)

...

Os problemas mediúnicos consistem, portanto, simplesmente na disciplinação das relações Espírito-corpo físico. É o que chamamos de educação mediúnic. Na proporção em que o médium aprende, como Espírito, a controlar a sua liberdade e a selecionar as suas relações espirituais, sua mediunidade se aprimora e se torna segura. Assim o bom médium é aquele que mantém o seu equilíbrio psicofísico e procede na vida de maneira a criar para si mesmo um ambiente espiritual de moralidade, amor e respeito pelo próximo. A dificuldade maior está em se fazer o médium compreender que, para tanto, não precisa tornar-se santo, mas apenas um ser humano de bem. Os objetivos de santidade, perseguidos pelas religiões através dos milênios, gerou no mundo uma expectativa incômoda para todos os que se dedicam aos problemas espirituais. Ninguém se torna santo através de sufocação dos poderes vitais do ser humano e adoção de um comportamento so-

cial de aparência piedosa. O resultado disso é o fingimento, a hipocrisia que Jesus condenou incessantemente nos fariseus, uma atitude permanente de condescendência e bondade que não corresponde às condições íntimas da criatura. O médium deve ser espontâneo, natural, uma criatura humana normal, que não tem motivos para se julgar superior aos outros. Todo fingimento e todo artifício nas relações sociais leva os indivíduos à falsidade e à trapaça. A chamada reforma íntima esquematizada e forçada não modifica ninguém, apenas artificializa enganosamente os que a seguem. As mudanças interiores da criatura decorrem de suas experiências na existência, experiências vitais e conscienciais que produzem mudanças profundas na visão íntima do mundo e da vida.

...

Kardec notou a generalização da mediunidade e os Espíritos o socorreram, como se vê no Livro dos Médiuns, com uma especificação curiosa. Temos assim duas áreas de função mediúnica, designadas como mediunidade generalizada e mediunato. A primeira corresponde à mediunidade natural, que todos os seres humanos possuem, e a segunda corresponde à mediunidade de compromisso, ou seja, de médiuns investidos espiritualmente de poderes mediúnicos para finalidades específicas na encarnação.

...

A mediunidade dinâmica não permanece em êxtase no organismo do médium. Não age de maneira discreta e sutil, como a mediunidade estática. Pelo contrário, extravasa agitada em fenômenos de captação e projeção, não raro explodindo em casos obsessivos. É a chamada mediunidade de serviço, destinada ao auxílio e ao socorro do próximo. Decorre de compromissos assumidos no plano espiritual, seja para auxiliar indiscriminadamente os que necessitam de ajuda e orientação, seja para o resgate de dívidas morais do passado com entidades necessitadas, cujo estado inferior se deve, em parte ou totalmente, a ações do médium em vidas anteriores. O médium não desfruta apenas as vantagens da mediunidade generalizada, pois se vê investido de uma missão mediúnica a que os Espíritos deram o nome de mediunato. A situação do médium é bem diferente da comum. Ele é continuamente solicitado para atender a entidades desencarnadas carentes de auxílio e elucidação. Se rejeita o seu compromisso ou tenta protelá-lo fica sujeito a perturbações e finalmente à obsessão. O mediunato lhe foi concedido para reparar os erros do passado e recuperar os Espíritos que pôs a perder, levou à descrença e até mesmo à revolta em vidas passadas. Não obstante o determinismo implícito no mediunato, o seu livre-arbítrio continua intacto. Assim como escolheu e pediu essa situação ao voltar à encarnação, por sua livre vontade, assim também poderá agora optar pelo cumprimento da missão ou pela sua rejeição, arcando naturalmente com as consequências da fuga ao dever.

O mediunato é também concedido em casos de pura assistência ao próximo e ajuda à Humanidade, como nos mostra o exemplo histórico das meninas Boudin, Julia e Carolina, em Paris, cuja mediunidade admirável garantiu o êxito da missão de Kardec. Mas o próprio Kardec não era médium, porque a sua missão era científica e não mediúnica. Para se compreender melhor a razão pela qual Kardec não teve um mediunato, basta lembrar o caso de Swedenborg na Suécia e de Andrew Jakson Davis nos Estados Unidos. O primeiro era um dos maiores sábios do século XVIII, amigo de Kant e foi um precursor do Espiritismo. Mas, dotado de extraordinária vidência, perdeu-se nas suas próprias visões, fascinado pela realidade invisível, e acabou criando uma seita eivada de absurdos. O segundo era também vidente e lançou uma série de livros em que o fantástico supera as possibilidades do real. Kardec pôde realizar seu trabalho com firmeza porque não quis ser mais do que ser humano, como dizia Descartes, permanecendo com os pés no chão e examinando todas as manifestações espirituais com o mais rigoroso critério científico. Os fenômenos mediúnicos são os mais difíceis de se examinar com frieza.

...

Mesmo no meio espírita o critério de Kardec ainda não foi suficientemente compreendido. Muitos censuram o seu comedimento em tratar de assuntos melindrosos da época. Não entendem o

valor do Livro dos Médiuns e vivem à procura de novidades apresentadas em obras mediúnicas suspeitas. Não percebem que o problema mediúnico só agora pode ser tratado cientificamente com mais desembaraço, graças ao avanço das ciências nos últimos anos. Poucos entendem o critério modelar de uma obra difícil como A Gênese e de um livro como O Evangelho Segundo o Espiritismo, em que as questões explosivas da fé irracional e das influências mitológicas teriam de ser contornadas. Nas mãos de um vidente esses livros não poderiam ser escritos com a clareza racional em que o foram, porque as visões místicas influiriam na sua elaboração.

...

É, pois, uma temeridade confiar-se na vidência para estabelecer novos princípios ou sistemas de prática espírita. A vidência auxilia nas pesquisas, mas não pode ser o seu instrumento único. Os videntes que se colocam na posição de conhecedores absolutos do outro mundo, esquecendo-se de que o seu equipamento sensorial e mental pertence a este mundo, e se apresentam na condição de mestres e reformadores da doutrina enganam-se a si mesmos e enganam aos outros.

...

O Espiritismo é um campo de estudos difícil e melindroso, em que não podemos descuidar um só instante da bússola da razão. Ao tratar de assuntos espíritas estamos agindo num campo magnético em que se digladiam as forças do certo e do errado. Nem sempre sabemos distingui-las com segurança e podemos deixar-nos levar por correntes de pensamento desnorteantes. A vaidade, a pretensão, o orgulho humano sempre vazio e fácil de ser levado pelos ventos da mistificação, o desejo leviano de nos diferenciarmos da maioria, a ambição doentia e tola de nos fantasiarmos de mestres podem levar-nos à traição à verdade.

...

A obra de Kardec é a bússola em que podemos confiar. Ela é a pedra de toque que podemos usar para aferir a legitimidade ou não das pedras aparentemente preciosas que os garimpeiros de novidades nos querem vender. Essa obra repousa na experiência de Kardec e na sabedoria do Espírito da Verdade. Se não confiamos nela é melhor abandonarmos o Espiritismo. Não há mestres espirituais na Terra nesta hora de provas, que é semelhante à hora de exames numa escola do mundo. Jesus poderia nos responder, diante da nossa busca comodista de novos mestres, como Abraão respondeu ao rico da parábola: “Por que eu deveria mandar-vos novos mestres, se tendes convosco a Codificação e os Evangelhos?”.

...

O principal dever dos médiuns resume-se em duas palavras: fidelidade e vigilância. Se não formos fiéis à doutrina e não estivermos sempre vigilantes às ciladas das trevas, estaremos sujeitos a seguir o caminho dos falsos profetas da Terra e da erraticidade, que o cego da parábola levará ao barranco para cair com ele.

...

O ato mediúnico é o momento em que o Espírito comunicante e o médium se fundem na unidade psicoafetiva da comunicação. O Espírito aproxima-se do médium e o envolve nas suas vibrações espirituais. Essas vibrações irradiam-se do seu corpo espiritual atingindo o corpo espiritual do médium. A esse toque vibratório, semelhante ao de um brando choque elétrico, reage o perispírito do médium. Realiza-se a fusão fluídica. Há uma simultânea alteração no psiquismo de ambos. Cada um assimila um pouco do outro. Uma percepção visual desse momento comove o vidente que tem a ventura de captá-la. As irradiações perispírituais projetam sobre o rosto do médium a máscara transparente do Espírito. Compreende-se então o sentido profundo da palavra intermúndio. Ali estão, fundidos e ao mesmo tempo distintos, o semblante radioso do Espírito e o semblante humano do médium, iluminado pelo suave clarão da realidade espiritual. Essa superposição de planos dá aos videntes a impressão de que o Espírito comunicante se incorpora no médium. Daí a errônea denominação de incorporação para as manifestações orais. O que se dá não é

uma incorporação, mas uma interpenetração psíquica, como a da luz atravessando uma vidraça. Ligados os centros vitais de ambos, o Espírito se manifesta emocionado, reintegrando-se nas sensações da vida terrena, sem sentir o peso da carne. O médium, por sua vez, experimenta a leveza do Espírito, sem perder a consciência de sua natureza carnal, e fala ao sopro do Espírito, como um intérprete que não se dá ao trabalho da tradução.

O ato mediúnicos natural é esse momento de síntese afetiva em que os dois planos da vida revelam o segredo da morte: apenas um desvestir do pesado escafandro da matéria densa.

O ato mediúnicos normal é uma segunda ressurreição, que se verifica precisamente no corpo espiritual que, segundo o apóstolo Paulo, é o corpo da ressurreição. O Espírito volta à carne, não a que deixou no túmulo, mas a do médium que lhe oferece, num gesto de amor, a oportunidade do retorno aos corações que deixou no mundo. A beleza do reencontro de um filho com a mãe, que estreita o médium nos braços ansiosos e o beija com toda a efusão da saudade materna.

...

Quando o ato mediúnicos é assim perfeito e claro, iluminado por uma mediunidade esclarecida e devotada ao bem, não há gigante - como no caso de Lombroso - que não se curve reverente ante o mistério da vida imortal. O médium se torna o instrumento da ressurreição impossível, provando aos seres humanos que a morte não é mais do que lapso no intermúndio que separa os vivos na carne dos vivos no Espírito. Compreende-se então o fenômeno da Ressurreição de Jesus, que não foi o ato divino de um Deus, mas o ato mediúnicos de um Espírito que dominava, pelo saber e a pureza, os mistérios da imortalidade.

...

A responsabilidade espiritual do médium reflete-se no espelho de cada um dos seus atos de caridade mediúnicos. O mediunato não é uma sagração ritual inventada pelos seres humanos. Nasce das leis naturais que regem consciências no fluir do tempo, no suceder das gerações e das reencarnações. Um ato mediúnicos é o cumprimento de um dever assumido perante o Tribunal de Deus instalado na consciência de cada um. Quando o médium se esquiva a esse cumprimento engana a si mesmo, pensando enganar a Deus. Sua própria consciência se incumbirá de condená-lo quando soar a hora do veredicto irrecorrível.

...

A responsabilidade mediúnicos não nos foi imposta como castigo. Nós mesmos a assumimos na esperança da redenção, que não virá do Céu, mas da Terra, da maneira pela qual fizemos as nossas travessias existenciais no planeta, num mar de lágrimas ou por estradas floridas pelas obras de sacrifício e abnegação que soubermos semear. Temos o futuro em nossas mãos, o futuro imediato do dia-a-dia e o futuro remoto que nos espera nas translações da Terra em torno do Sol.

...

E como podem alguns espíritas quebrar a harmonia dessas reuniões espirituais com aparatos inúteis e desnecessários, com a introdução de sistemas pretensiosos nas sessões mediúnicas? Se quisermos deformar e ridicularizar a prática espírita, basta exigirmos a toalha branca na mesa, vestir os médiuns de vestes brancas e rituais, obrigá-los a formar a corrente de mãos dadas e outras muitas tolices dessa espécie. É o que fazem os Espíritos mistificadores, através de dirigentes supersticiosos e simplórios.

...

Por isso Paulo de Tarso, que imantado às tradições violentas do Judaísmo, perseguia o Cristo, ao receber o impacto da existência espiritual do Mestre, na Estrada de Damasco, desliga-se do mundo de falsas imagens em que vivia, perde a visão das coisas e mais tarde a recobra num ângulo superior, com os passes de Ananias, convertendo-se ao Cristianismo nascente. O desenvolvimento espiritual de Paulo o leva, naquele instante, à conversão cristã pelo batismo do Espírito, nas águas invisíveis da mediunidade. Dali por diante ele será inspirado por Estêvão, o mártir que

ele mandou lapidar na sua loucura mundana. Tudo se converte ao seu redor, o mundo em que passa a viver não é mais o da arrogância e da brutalidade, mas o mundo da abnegação e da humildade. O Doutor da Lei converte-se em aprendiz e servo da realidade cristã.

...

A Moral Mediúnica não é simples repetição dos preceitos evangélicos usados pelas religiões na medida de suas conveniências e aplicadas a sociedades no resguardo de seus interesses. É a moral total ensinada e vivida por Jesus, interpretada em profundidade e sem temor pelos que realmente a compreenderam, como vemos no exemplo de O Evangelho Segundo o Espiritismo. Kardec desvestiu os Evangelhos de todos os adereços mitológicos e supersticiosos dos textos clássicos (escritos no clima da Era Mitológica) para destacar apenas o ensino moral do Cristo, que é a essência de toda espiritualidade verdadeira. Nada de aparatos e fantasias, nada de simbologias misteriosas, apenas a verdade clara dos princípios, e estes desenvolvidos em todas as suas possibilidades de aplicação.

(O CENTRO ESPÍRITA - JOSÉ HERCULANO PIRES)

...

Jesus ensinou a orar e vigiar, recomendou o amor e a bondade, pregou a humildade, mas jamais aconselhou a viver de orações e lamúrias, santidade fingida, disfarçada em vãs aparências de humildade, que são sempre desmentidas pelas ambições e a arrogância incontáveis do ser humano terreno. Para restabelecermos a verdade espírita entre nós e reconduzirmos o nosso movimento a uma posição doutrinária digna e coerente, é preciso compreender que a Doutrina Espírita é um chamado viril à dignidade humana, à consciência do ser humano para deveres e compromissos no plano social e no plano espiritual, ambos conjugados em face das exigências da lei superior da Evolução Humana. Só nos aproximaremos da Angelitude, o plano superior da Espiritualidade, depois de nos havermos tornado Humanos.

...

Essa medida se justifica não só pelas razões éticas, mas também pela observação do que se passa na prática doutrinária. Uma instituição espírita fundada com dificuldades, onde se destaca o desinteresse e a abnegação de todos, basta crescer um pouco e começar a enriquecer-se para que tudo nela se modifique. O ser humano sofre a hipnose da moeda, o dinheiro o alucina e o transforma em desonesto. São poucos os que resistem a esse poder do dinheiro, que na verdade não está no dinheiro, mas no Espírito ganancioso e vaidoso. Há casos espantosos de instituições que se enriqueceram e esqueceram as suas próprias finalidades, transformando-se em verdadeiras casas comerciais, onde o interesse financeiro se sobrepõe aos interesses sagrados da doutrina.

...

Associações espíritas, promissora e organizada, logo se transformam em grupos de rezadores pedinches. O carimbo da igreja marcou fundo a nossa mentalidade em penúria. Mais do que subnutrição do povo, com seu cortejo trágico de epidemias devastadoras, o igrejismo salvacionista depauperou a inteligência popular, com seu cortejo de carreirismo político-religioso, idolatria mediúnica, misticismo larvar, o que é pior, aparecimento de uma classe dirigente de supostos missionários e mestres farisaicos, estufados de vaidade e arrogância.

...

O problema da disciplina no Centro Espírita é dos mais melindrosos e deve ser encarado entre as coordenadas da ordem e da tolerância. Não se pode estabelecer e manter no Centro uma disciplina rígida, de tipo militar. O Centro é, além de tudo o que já vimos, um instrumento coordenador das atividades espirituais. No esquema das suas sessões teóricas e práticas a questão do horário é

imperiosa, mas não deve sobrepor-se às exigências do amor fraterno. Não é justo deixarmos fora da sessão companheiros dedicados ou necessitados, porque chegaram dois ou três minutos atrasados. Vivemos num mundo material e não espiritual, em que as pessoas lutam com dificuldades várias no tocante à locomoção, de compromissos diversos, e é justo que se dê uma pequena margem de tolerância no horário.

...

Por isso a disciplina do Centro não pode ser a dos seres humanos, mas a dos anjos que servem ao Senhor tatalando no Céu as asas simbólicas da Esperança. Deixemos de lado a disciplina exigente, para podermos manter no Centro a disciplina do amor e da tolerância. Não lidamos com soldados e guerreiros, mas com doentes do Espírito. Nossa disciplina não deve ser exógena, imposta de fora pela violência, mas a do coração. Tem de ser a disciplina endógena, que nasce da consciência lentamente esclarecida aos chamados de Deus em nossa acústica do Espírito.

...

Evitemos a suntuosidade no movimento doutrinário, se quisermos que ele se conserve puro e simples, Nada representa melhor o Espiritismo do que o Centro de chão batido e telhas vãs, bancos e mesas de paus fincados no chão, Zé Sobrinho lendo o Evangelho em mangas de camisa, na sitioca distante de São Bartolomeu, na Sorocabana. Eu o vi, participei da reunião rústica e senti a grandeza da Doutrina Espírita entre aquela gente simples e boa. Ali ninguém mandava e todos se uniam espontaneamente no trabalho de amor ao próximo e louvor a Deus.

...

Nos Centros há geralmente manifestações anímicas (do próprio Espírito do médium) que constituem regressões espontâneas e automáticas do médium a vidas anteriores, revelando a sua personalidade anterior.

...

“Se os espíritas soubessem o que é o Centro Espírita, quais são realmente a sua função e a sua significação, o Espiritismo seria hoje o mais importante movimento cultural e espiritual da Terra. Temos no Brasil e isso é um consenso universal - o maior, mais ativo e produtivo movimento espírita do planeta -. A expansão do Espiritismo em nossa terra é incessante e prossegue em ritmo acelerado. Mas o que fazemos, em todo este vasto continente espírita, é um esforço imenso de igrejificar o Espiritismo, de emparelhá-lo com as religiões decadentes e ultrapassadas, formando por toda parte núcleos místicos, desligados da realidade imediata”.

(O ESPÍRITO E O TEMPO - JOSÉ HERCULANO PIRES)

...

O desenvolvimento humano é um processo de transcendência. Cada fase do processo representa uma superação da anterior. Superar a Natureza, portanto, não quer dizer apenas dominá-la, adquirir poder sobre as coisas exteriores, mas superar-se a si mesmo.

...

A transcendência humana que caracteriza o horizonte espiritual não significa, por isso mesmo, uma fuga ou uma deserção das condições humanas. Pelo contrário, significa o aparecimento dessas condições, permitindo a superação da animalidade e a transferência do ser humano para o plano antigamente reservado às divindades, fossem elas benéficas ou maléficas.

...

É evidente que tudo isso não se realiza de um dia para outro, mas através de um lento processo

de evolução social, econômica, cultural e espiritual. Jesus se chamava a si mesmo de semeador, porque conhecia o lento processo da semeadura e germinação das idéias. Sabia, também, que os princípios da sua doutrina, do seu ensino, teriam de sofrer as deformações naturais desse processo. Por isso anuncia, como vemos no Evangelho de João, a vinda do Consolador, do Paráclito, do Espírito da Verdade, incumbido de restabelecer a pureza da seara, separando o joio do trigo.

...

Os símbolos representam idéias, servem para transmiti-las, mas por isso mesmo se colocam entre as idéias e o intelecto, e não raro encobrem e asfixiam aquilo que deviam exprimir. Trata-se, evidentemente, de um processo dialético. Os símbolos são úteis durante o tempo necessário para a transmissão da idéia, mas tornam-se inúteis e perniciosos quando passam do tempo.

...

É assim que, pouco a pouco, o livre-arbítrio supera o determinismo. A liberdade de se determinar a si próprio confere ao ser humano o poder de criar. Ele cria o seu próprio mundo, as suas formas de vida, o seu destino. A princípio, o faz de maneira quase inconsciente, como a criança que se queima na chama da vela, por querer pegá-la. Mas, depois, as experiências o acordam para a plenitude consciencial de que ele deve desfrutar, segundo o seu destino natural. Porque o destino do ser humano, no sentido geral de sua posição no Universo, é ser deus. Não no sentido de igualar-se à Inteligência Suprema, mas de atingir a compreensão dessa Inteligência, integrar-se no seu plano de vida e pensamento, participar de sua plenitude. Assim, podemos dizer que o ser humano constrói o seu destino no plano do contingente, mas no plano do transcendente o seu destino já está determinado pelas leis universais.

...

Deus fala ao ser humano através de suas leis. Estas, que são eternas, representam a presença do imutável no mutável, da eternidade na transitoriedade. O momento que passa não é uma ilha no tempo, nem um ponto no espaço, mas um fluir: o fluir da duração. Se o ser humano o compreender e o sentir, estará pleno de felicidade. É o que vemos no item 614 de “O Livro dos Espíritos”: “A lei natural é a Lei de Deus; a única verdadeira para a felicidade do ser humano. Ela lhe indica o que ele deve fazer ou não fazer, e ele só se torna infeliz porque dela se afasta”. E no item 617 esclarece: “Todas as leis da Natureza são leis divinas, pois Deus é o autor de todas as coisas. O sábio estuda as leis da matéria; o ser humano de bem, as do Espírito, e as segue”. A razão dos sofrimentos e da infelicidade, do desespero humano, é simplesmente a violação dessas leis.

...

O ser humano no mundo é, portanto, um Espírito em evolução. Bom ou mau, virtuoso ou criminoso, pecador ou santo, ele está “agora” e “aqui” para desenvolver-se, para realizar-se. Qual o tipo humano ou divino que lhe pode servir de exemplo? O item 625 responde: “Vede Jesus”, e Kardec explica: “Jesus é para o ser humano o tipo da perfeição moral a que pode aspirar a humanidade na Terra”. Por que Jesus e não Buda? Porque o primeiro ensina ao ser humano viver plenamente no aqui e no “agora”, enfrentar o mundo em vez de fugir a ele, realizar-se no presente em vez de protelar a realização enclausurando-se e furtando-se às experiências da vida. O ser humano está no mundo para vivê-lo. É a lei. Só através dessa vivência ele atingirá Deus. Fugir ao mundo para refugiar-se na ilusão contemplativa é desertar da batalha necessária.

...

Nisto se repete e se confirma o que o Cristo declarou, a propósito de sua própria missão, ao dizer que não vinha revogar a lei e os profetas, mas dar-lhes cumprimento. Como desenvolvimento natural do Cristianismo, o Espiritismo prossegue nesse mesmo rumo. Sua finalidade não é combater, contrariar, negar ou destruir as religiões, mas auxiliá-las. Para auxiliá-las, porém, não pode o Espiritismo endossar os seus erros, o seu apego aos formalismos religiosos, a sua aderência às circunstâncias. Porque tudo isso diminui e enfraquece as religiões, expondo-as ao perigo do fra-

casso, diante das próprias leis evolutivas, que impulsionam o ser humano para além das suas convenções circunstanciais.

...

“A verdadeira adoração é a do coração”. Não obstante, a adoração exterior, através do culto religioso, por mais complicado e material que este se apresente, desde que praticada com sinceridade, corresponde a uma necessidade evolutiva dos Espíritos a ela afeiçoados. Negar a esses Espíritos a possibilidade de praticarem a adoração exterior, seria tão prejudicial, quanto admitir que os Espíritos que já superaram essa fase continuassem apegados a cultos materiais. A cada qual, segundo as suas condições evolutivas.

O princípio da tolerância substitui, portanto, no Espiritismo, o sistema de intolerância que marca estranhamente a tradição religiosa.

...

O Consolador vem para esclarecer os seres humanos, e, assim consolá-los através do conhecimento. Religião sem dogmas, sem culto exterior, sem sacerdócio, sem apego material, sem intenção de domínio político e social, pode explicar livremente ao ser humano que ele é um Espírito em evolução, responsável direto pelos seus atos e, portanto pelos seus fracassos ou as suas vitórias. Pode dizer-lhe que, tendo vindo do mundo espiritual, voltará a esse mundo após a vida terrena, tão naturalmente como as borboletas se livram dos casulos, e lá responderá pelos seus erros e os acertos, sem a mediação de sacramentos ou cerimônias materiais de espécie alguma. Sua permanência na Terra pode também ser explicada sem alegoria, pela simples necessidade da evolução espiritual.

...

Assim, ela passou de mundo primitivo para a categoria de mundo de expiações e provas.

Essa é a condição atual da Terra. Mas é, também, a condição que ela está prestes a deixar, a fim de elevar-se à categoria de mundo de regeneração.

...

“O Livro dos Espíritos”, em seu item 917, dá-nos a chave dessa relação, explicando: “De todas as imperfeições humanas, a mais difícil de desenraizar é o egoísmo, porque se liga à influência da matéria, da qual o ser humano ainda muito próximo da sua origem, não pode libertar-se. Tudo concorre para entreter essa influência: suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá com a predominância da vida moral sobre a material, e, sobretudo com a compreensão que o Espiritismo vos dá, quanto ao vosso estado futuro real, não desfigurado pelas ficções alegóricas. O Espiritismo bem compreendido, quando estiver identificado com os costumes e as crenças, transformará os hábitos, as usanças e as relações sociais, O egoísmo se funda na importância da personalidade. Ora, o Espiritismo bem compreendido, repito-o, faz ver as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece de alguma forma, perante a imensidade. Ao destruir essa importância, ou pelo menos ao fazer ver a personalidade naquilo que de fato ela é, ele combate necessariamente o egoísmo”.

...

Kardec nos explica, ao comentar o item 876: “O critério da verdadeira justiça é de fato o de se querer para os outros aquilo que se quereria para si mesmo, e não de querer para si o que se desejaria para os outros, pois isso não é a mesma coisa. Como não é natural que se queira o próprio mal, se tomarmos o desejo pessoal como norma de partida, podemos estar certos de jamais desejar para o próximo senão o bem. Desde todos os tempos, e em todas as crenças, o ser humano procurou sempre fazer prevalecer o seu direito pessoal. O sublime da religião cristã foi tomar o direito pessoal por base do direito do próximo”.

...

O Espiritismo é doutrina do futuro, que age no presente como impulso, levando-nos em direção aos planos superiores. É natural que muitos adeptos não o compreendam imediatamente, na inteireza de seus princípios e de seus objetivos. Mas é dever de todos procurar compreendê-lo, pelo estudo atento e humilde, pois sem a humildade necessária, arriscamo-nos à incompreensão orgulhosa e arrogante.

(O HOMEM NOVO - JOSÉ HERCULANO PIRES)

...

A vida perde o seu sentido, a sua significação, a sua razão de ser, quando o ser humano se afasta da compreensão espiritual, buscando no mundo material a única explicação das coisas. O chamado ser humano prático dos nossos dias, inteiramente imerso nos problemas imediatos, funciona como uma máquina. Está muito próximo da concepção cartesiana dos animais: corpos em atividade mecânica, sem Espírito. Se em meio desse funcionamento inconsciente a que se entrega, alguma desgraça lhe ocorrer, os horizontes se fecharão ao seu redor. Nenhuma perspectiva lhe restará. E é por isso que, em geral, o ser humano prático, atingido por um golpe arrasador, recorre ao suicídio.

...

Por outro lado, no reverso da medalha, a credice do religiosismo comum não é menos perigosa que o materialismo. O ser humano que crê sem indagar, sem compreender nem querer compreender, apegado a crenças que lhe impuseram através da tradição, está sujeito às mesmas dolorosas surpresas daquele que não crê. A fé pela fé é tão insegura quanto a dignidade pela dignidade, a que acima aludimos. Tanto para uma, como para outra, a mente humana exige uma base racional. Fé cega e dignidade cega são frágeis como peças de vidro. Ambas podem quebrar-se com a maior facilidade, ante os golpes da vida. Porque numa como noutra o ser humano está preso a um ponto de vista estreito, sem a visão global do processo da vida, que lhe daria compreensão e coragem para enfrentar a luta em qualquer circunstância.

...

Ateísmo e credice são os dois extremos perigosos da condição humana. E tanto assim, que ambos descambam para as soluções extremas, com a maior facilidade, não somente no plano individual, mas também no coletivo. Os crimes do fanatismo religioso e do fanatismo materialista enodoam a história humana.

...

Cristo não foi apenas um marco entre dois mundos, mas também e, sobretudo, a expressão mais alta da evolução espiritual do ser humano e o orientador do seu desenvolvimento futuro.

...

A resignação espírita decorre, não de uma sujeição místico-religiosa a forças incontroláveis, mas de uma compreensão do problema da vida. Quando o espírita se resigna, não está se submetendo pelo medo, mas apenas aceitando uma realidade à qual terá de sujeitar, exatamente para superá-la, para vencê-la.

...

Fé e Razão se ligam com o Sol e a Terra. A Razão é o sol espiritual que alumia o nosso entendimento, afugentando as trevas e o frio da ignorância e da superstição, para nos dar a luz da compreensão e o calor da vida. Um ser humano sem fé está morto em si mesmo, é o seu próprio sepulcro. Mas basta-lhe acender a luz da razão para libertar-se da morte e do túmulo, para ressuscitar como Lázaro ante a voz do Messias.

...

Para construir um mundo novo precisamos de um ser humano novo. O mundo está cheio de erros e injustiças porque é a soma dos erros e injustiças dos seres humanos. Todos sabemos que temos de morrer, mas só nos preocupamos com o viver passageiro da Terra. Por isso, a humanidade desencarnada que nos rodeia é ainda mais sofredora e miserável que a encarnada a que pertencemos. “As filas de doentes que eu atendia na vida terrena - diz a mensagem de um Espírito - continuam neste lado”.

...

Pitágoras já dizia que a Terra é a morada da opinião. E como a opinião é a coisa mais frívola que existe, a mais incerta e a mais irresponsável, não é de admirar que tanta gente opine sobre o que não conhece. Mesmo entre os letrados, a opinião é um hábito enraizado. Mas é evidente que, quando se trata de uma doutrina espiritual, esposada por tantos seres humanos de projeção no mundo das ciências e do pensamento, em todo o mundo, as pessoas de cultura, ou mesmo de mediana cultura, deviam ter mais cautela ao se manifestarem a respeito. Porque se é livre o direito de opinar, não é menos livre o direito de se julgar o senso de responsabilidade de quem opina.

...

Distribuir recursos aos pobres, dar esmolas, ou construir abrigos, asilos, hospitais, orfanatos, são formas objetivas da caridade, que enobrecem quem as pratica, mas nunca devem ser motivos de orgulho e vaidade. Porque as formas objetivas são meios de conduzir nosso Espírito às manifestações mais puras da caridade, que constituem suas formas subjetivas. Se em vez de utilizarmos aquelas como meios, delas nos servirmos como fins, interrompemos o processo natural do desenvolvimento da caridade em nós mesmos, e acabamos por destruir os germens divinos em nossos corações. É por esse motivo que fundadores e diretores de instituições caridosas acabam, muitas vezes, necessitando de caridade. Se quisermos, pois, que o Espiritismo se desenvolva através da caridade, único meio pelo qual ele realmente pode desenvolver-se, não esqueçamos que caridade é, antes de mais nada, benevolência, indulgência e perdão.

...

O Espiritismo, ensina Kardec: “é uma questão de fundo e não de forma”. De nada vale o exagero nas boas maneiras, a voz macia e os extremos de pureza formal, - não comer carne, não fumar, não tomar bebidas alcoólicas, não frequentar festas mundanas, não contar nem ouvir anedotas picantes -, se o coração não estiver limpo. A pureza que o Espiritismo nos ensina é interior. Deve, por isso mesmo, reger a nossa conduta, em vez de esperarmos que uma conduta artificial nos purifique. O espírita não tem motivo algum para retornar às práticas da moral farisaica. A doutrina lhe ensina a espontaneidade, a naturalidade, e a correção dos seus erros e dos seus defeitos na própria relação com os semelhantes. É na vida de relação que podemos evoluir. Querer forçar a evolução com abstenções e atitudes falsas, seria iludir-nos a nós mesmos e também aos outros, o que é ainda mais grave. Ninguém vira santo por meio de fórmulas. Não é o que entra pela boca o que contamina o ser humano, como Jesus ensinou, mas o que sai da boca.

...

Em todos os campos das atividades humanas, o apego às convenções impede o progresso, o arejamento das consciências.

FIM